

Príncipezinho ou pequeno príncipe? Uma interface linguístico-cultural sob a perspectiva funcionalista

letrônica

Bianca Buse¹
Michelle de Abreu Aio²

1 Introdução

Afirmam muitas teorias que a tradução se resume à relação estabelecida entre dois textos, nomeadamente um texto-fonte e um texto-alvo, sendo o último confeccionado retrospectivamente em relação ao primeiro, e ambos devendo desempenhar papéis idênticos frente aos diferentes públicos para os quais são destinados. A proposta funcionalista de Nord (1991) aprimora esse conceito ao propor uma ação prospectiva para o ato tradutório, em que a função atribuída ao texto-alvo será determinante das escolhas feitas durante a confecção do texto traduzido, ou seja, dos elementos do texto-fonte que são pertinentes para aquela função. Consequentemente, tal tradução servirá para um receptor específico, cujo contexto sócio-histórico-cultural influenciará, por sua vez, os elementos que perpassam a configuração do *skopos*, ou propósito, da tradução. O resultado final da atividade tradutória – o texto – trará intrínsecos os marcadores culturais que fazem parte do universo de seu receptor, e que podem ser identificados mediante análise prospectiva, isto é, partindo do texto em direção ao contexto cultural em que ele se insere.

Neste trabalho, observaremos como os marcadores culturais linguísticos manifestam-se nas traduções do livro *Le petit prince* (SAINT-ÉXUPÉRY, 1946) para o português brasileiro, intitulado *O pequeno príncipe* (SAINT-ÉXUPÉRY, 2003), e para o português europeu, chamado *O príncipezinho* (SAINT-ÉXUPÉRY, 2008), sem, no entanto, atermo-nos às escolhas tradutórias mediante cotejo com o texto-fonte em francês. Escolhemos as traduções lusófonas tendo em vista que, aparentemente, cremos haver uma homogeneização

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

linguística – conceito politizado bastante difundido por gramáticos e alguns teóricos da língua. Todavia, percebemos que as diferenças entre a língua portuguesa europeia e a brasileira são inúmeras, capazes de causar estranhamento ao receptor, já que os vocábulos existentes em ambas as línguas podem adquirir significados distintos no uso feito pelas comunidades falantes. Assim sendo, a língua portuguesa, quando inserida em diferentes realidades linguísticas, adquire novas facetas. O conceito de cultura, na visão de Nord, refere-se à:

[...] uma comunidade ou grupo que se diferencia de outras comunidades ou grupos por formas comuns de comportamento e ação. Os espaços culturais, portanto, não coincidem necessariamente com unidades geográficas, linguísticas ou mesmo políticas. (NORD *apud* ZIPSER, 2002, p.43)

Nesse sentido, um texto escrito para determinada comunidade lusófona provavelmente não terá tanta receptividade em outro país falante de língua portuguesa. Tal estranhamento pode ser sentido também na leitura de alguns textos literários, embora tidos como a modalidade de escrita mais monitorada – ou seja, mais próxima dos moldes ditados pelas gramáticas, cujas regras são as mesmas prescritas tanto no Brasil quanto em Portugal (BAGNO, 2001). Analisando as diferenças existentes entre o português europeu e brasileiro (doravante PE e PB, respectivamente) notamos que, no Brasil, mesmo a língua utilizada nas modalidades denominadas ‘cultas’ (ou seja, mais próximas da padronização) é bastante distinta daquela presente nas gramáticas normativas da língua portuguesa. Como menciona Bagno (2001, p. 163), “[...] até mesmo os falantes cultos [brasileiros] empregam formas gramaticais que se distanciam das regras vigentes no ensino normativista tradicional.”

Reiteramos que fazemos uso, como *corpus*, neste trabalho, dos livros *O pequeno príncipe* (2003) e *O príncipezinho* (2008), ambos traduções do *Le petit Prince*, escrito por Antoine de Saint-Exupéry, e publicado originalmente nos Estados Unidos, em 1943, um ano antes de sua morte. O autor, piloto de avião durante a Segunda Guerra Mundial, fez-se narrador dessa fábula, que apresenta personagens metafóricos, carregados de simbolismo. A obra, classificada como infanto-juvenil, destaca-se pela sua temática considerada universal, como a representação do amor, da amizade, da descoberta do Outro e do respeito pelas diferenças, e também uma profunda preocupação com o meio ambiente. Esse livro nos aponta uma significativa mudança dos valores da sociedade. Não é por acaso que é uma das obras mais traduzidas no mundo.

A história, narrada por um aviador, forçado a pousar em um deserto devido a uma pane em seu avião, trata de um príncipezinho que mora num pequeno planeta com vulcões, **Letrônica**, Porto Alegre v.4, n.1, p.69, jul./2011.

baobás e uma linda rosa, mas que resolveu se aventurar em uma viagem interplanetária porque já não estava mais satisfeito no seu pequeno “mundinho”, devido aos aborrecimentos que teve com sua amiga rosa. Enquanto tentava consertar seu avião, o aviador foi ouvindo os relatos das ‘andanças’ vividas pelo pequeno príncipe e, aos poucos, foi se afeiçoando ao menino. Entretanto, o príncipezinho resolve retornar ao seu planeta, pois sentia-se responsável pela sua rosa. O final dessa história é, no mínimo, comovente, e ainda traz uma grande possibilidade de reflexão.

A partir da leitura comparada das versões em português brasileiro e europeu dessa obra, procuraremos identificar alguns marcadores culturais linguísticos entre o PB e o PE, identificados, entre outras ocorrências, em expressões idiomáticas e construções sintáticas. Embora tenhamos escolhido uma obra literária como objeto de análise, o enfoque deste trabalho está em trazer à tona as diferenças entre o português brasileiro e o europeu e suas possíveis implicações sob uma perspectiva funcionalista da tradução. Desse modo, pretendemos sublinhar os traços que identificam o texto como sendo específico para determinado receptor dentro de seu contexto cultural, e verificar se haveria viabilidade em se publicar no Brasil a tradução para o PE, e vice-versa.

2 A tradução sob uma perspectiva funcionalista

Quando, na tradução, a forma deixa de ser o enquadramento ortodoxo para o texto traduzido e passa a servir de referência em sua adequação à função atribuída à tradução, temos como resultado um texto construído de acordo com o contexto cultural de seu receptor. Apresentada pela tradutora e pesquisadora em tradução Christiane Nord (1991), essa abordagem funcionalista propõe que a identificação do *skopos*, ou propósito da tradução é determinante para que seja possível estabelecer uma equivalência funcional entre o texto traduzido e o receptor. Sendo assim, o contexto em que tal receptor se insere deve configurar as escolhas feitas pelo tradutor dentre os elementos do texto-fonte para a adequação ao texto-alvo.

Por ser uma situação comunicativa, a tradução deve carregar em seu bojo os elementos que configuram todo o conhecimento prévio trazido pelos interlocutores, que precisa ser compartilhado para que haja entendimento na comunicação. Como afirma Nord, “O emissor tem uma certa intenção comunicativa, que ele expressa no texto, mas o fato de essa intenção atingir ou não seus objetivos depende da ‘colaboração’ do receptor.” (NORD *apud* ZIPSER, 2002, p. 44). E para que o receptor possa colaborar com o texto, o papel do tradutor passa a

ser o de intermediar texto e leitor de modo que a compreensão na língua-alvo exista não apenas “[...] do ponto de vista da interpretação, mas de certo conceito de ‘inteligibilidade’ [...]”, não se devendo medir essa inteligibilidade apenas por palavras compreensíveis e sentenças gramaticalmente corretas, “[...] mas em termos do impacto total que a mensagem provoca em quem a recebe.” (NIDA; TABER, 1982, p. 24). O resultado da tradução deve ser funcional para o respectivo leitor, funcionalidade essa que pode ser medida pelo grau de identificação do leitor para com o texto. É o que comenta Nord (*apud* ZIPSER, 2002, p. 48):

Quanto mais próximo, por exemplo, o tradutor estiver de seu leitor-alvo, no que se refere à formação cultural, idade, *status* etc., tanto mais fácil deveria ser transportar-se para o lugar de seu receptor e imaginar com que tipo de texto-meta ele melhor se identificaria.

Os textos de *O pequeno príncipe* e *O principzinho* são traduções partidas de um mesmo texto-fonte e direcionadas aos seus respectivos públicos – brasileiro e português. Atentando-se para o receptor do texto e, com base nos conhecimentos linguísticos e culturais deste receptor, a tradução é feita com base nos moldes próprios daquele contexto de recepção. Assim sendo, as escolhas tradutórias que permeiam cada um dos textos são construídas a partir do contexto em que estão inseridos os leitores dessas traduções que, conseqüentemente, trarão em si os marcadores culturais presentes na língua usada na comunidade em que vivem.

A proposta funcionalista de Nord é criticada por estudiosos de literatura e por tradutores literários com o argumento de que o modelo não é aplicável à tradução literária (cf. NORD, 1997, p. 120) pois, supostamente, em um texto literário e suas traduções não existe um “propósito”. Nord (*apud* LEAL, 2007, p. 56), no entanto,

[...] sustenta que há intenções comunicativas por parte de autores de textos literários, visto que todo texto literário, ainda que tenha sido escrito sem um propósito ou intenção específicos, é sempre minimamente direcionado a um certo público, indicando, portanto, que houve alguma ‘antecipação teleológica’ por parte do autor.

Sendo prospectivo o movimento de elaboração do texto, ancorado no leitor de chegada, torna-se intrínseca a relação entre o receptor e os recursos linguísticos a serem utilizados pelo tradutor. Além disso, vale ressaltar que um texto, dentro de uma língua, expressa a “consciência de uma coletividade”, o meio pelo qual uma comunidade concebe “o mundo que a cerca e sobre ele age” (CUNHA; CINTRA, 2007, p. 1), por isso esses papéis, ou funções, exercidos pelo texto variam de acordo com as culturas em que se inserem, visto que “as línguas são produtos da cultura para permitir a comunicação social” (CAMARA JR.,

1997, p. 87-88). Essas concepções de mundo expressas na língua estão presentes nas traduções, e isso acontece para permitir que a comunidade receptora do texto se identifique com a mensagem e com os traços culturais nela imbricados, ou seja: para que o texto seja funcional para o leitor naquela situação comunicativa.

3 Portugal e Brasil: mesma língua?

A tradução de textos-fontes para línguas tidas como semelhantes, como a língua portuguesa falada em Portugal e no Brasil resultaria, à primeira vista, em textos semelhantes, tendo em vista a crença – bastante difundida – de que falamos uma mesma língua, conceito no qual se apoia grande parte da tradição linguística no Brasil. Desse modo, as traduções feitas para um país e falantes da língua portuguesa poderiam ser publicadas em qualquer país lusófono, já que se acredita não haver graves problemas de compreensão do público receptor.

Todavia, se analisarmos com cuidado as características próprias das duas línguas (PB e PE), suas construções sintáticas e morfológicas, expressões idiomáticas e unidades lexicais, todas refletoras do contexto cultural em que são utilizadas, percebemos que essas diferenças ultrapassam as limitadas adaptações que esses textos muitas vezes sofrem para que sejam consumidos nos países lusófonos. A maior parte das mudanças exige total reconstrução textual para que o texto seja compreensível e assimilável, e para que tenha funcionalidade diante do público receptor.

As línguas PB e PE compartilham, indubitavelmente, uma estrutura morfológica e sintática semelhante, mas, por outro lado, têm em comum um léxico e uma sintaxe que, algumas vezes, adquirem significados diferentes devido ao uso que delas fazem as comunidades dos países em questão. Como afirma Bagno (2001, p. 171),

[...] já vimos que, para conhecer a fundo um enunciado, é preciso ir além da morfologia e do léxico, é preciso se embrenhar no campo da semântica e da pragmática. Os **usos** que os brasileiros e os portugueses fazem de seus recursos sintáticos e lexicais são muito diferentes, bem como são diferentes as **intenções** que comandam esses usos. Também existem enormes diferenças no campo da **prosódia**, no **ritmo** da fala, na entonação dos enunciados, todo um conjunto de regras de uso dos recursos fônicos. (grifos do autor).

Somadas todas as diferenças, concluímos que muito desentendimento pode ser causado em vista do engano que se comete com o uso de certas palavras e estruturas que possuem significados diversos nessas comunidades linguísticas. Muitas vezes, estruturas discursivo-pragmáticas que funcionam para o receptor na comunidade em que se origina o

texto não são efetivas na comunidade receptora, podendo causar estranhamento e incompreensão.

À luz da teoria funcionalista de Nord (1991), traduzir não envolve apenas o exercício de recomposição textual. O tradutor deve levar em consideração o contexto cultural do receptor do texto, que envolve sua experiência histórica, ideológica, social, econômica etc. Os textos escritos em PB e PE, em essência, são produzidos para atingir o grupo de leitores pertencentes às suas respectivas comunidades linguísticas, refletindo, em si, os valores culturais que tais comunidades carregam. Daí a falta de correspondência cultural entre esses textos, e por isso a importância da adequação com vistas ao contexto cultural da recepção das obras. Como afirma Baccaga (2003, p. 10): “A opção por um ou outro modo de ver e, portanto, por uma ou outra palavra revela que cada indivíduo/sujeito se insere num determinado sistema de valores a partir do qual lerá o mundo, praticará ações, fará ciência.” São essas escolhas que se tornam essenciais na funcionalidade do texto frente ao receptor.

Embora ainda se preserve a concepção de que existe apenas uma língua portuguesa partilhada por todos os países lusófonos, muitos estudiosos (cf. BAGNO, 2001) enxergam o português falado no Brasil como sendo outro idioma, ou seja, com estrutura e forma peculiares do uso brasileiro. Partilhamos de traços sintáticos e morfológicos semelhantes – afinal, o português lusitano foi a língua do nosso colonizador, e com base nela é que fomos modificando, acrescentando, enriquecendo e formando a nossa própria língua.

A língua portuguesa, embora tenha se espalhado por caminhos diferentes, alcançando territórios africanos, asiáticos e americanos, formou-se na estreita faixa da Península Ibérica, cerca de 1.600 anos atrás. Como outras línguas europeias, o português originou-se do latim, incorporando vocábulos de outras línguas, adaptando-os, modificando sua estrutura, até entrar em contato com outros mundos, outras realidades culturais e geográficas, e espalhar, pelo planeta, os diversos pontos de sua influência linguística.

As mudanças que ocorrem no interior de um sistema linguístico estão intimamente relacionadas às alterações sociais da comunidade falante. Com o surgimento de novas relações sociais e de novas necessidades comunicativas, a língua transforma-se para adequar-se a essas novas necessidades. Segundo Faraco (2005, p. 66),

[...] o movimento histórico das línguas está correlacionado com alterações nas relações sociais: há uma história social que precede as mudanças linguísticas, isto é, mudanças na organização social geram novas relações interacionais nas quais, então, se geram processos de mudanças linguísticas [...].

A língua é social, é construída por seres humanos para servir de meio de expressão da realidade. Ela revela as características culturais da comunidade linguística; portanto, como afirma Bagno (2007, p. 73): “Uma sociedade extremamente dinâmica e multifacetada só pode apresentar uma língua igualmente dinâmica e multifacetada.” E as mudanças não ocorrem em uma direção específica. Ao contrário, a língua muda porque a sociedade muda. Segundo Crystal (*apud* BAGNO, 2007, p. 188): “Se formos usar metáforas para falar de mudança linguística, uma das melhores é a de um sistema que se mantém num estado de equilíbrio, enquanto as mudanças ocorrem dentro dele.”

Por conseguinte, se considerarmos que a língua é um dos principais meios de expressão cultural, onde houver culturas diferentes haverá manifestações linguísticas distintas. O texto escrito com vistas a atingir o leitor português usará o código linguístico adequado para tal receptor; do mesmo modo, para o leitor brasileiro o texto funciona se for escrito na modalidade usada por ele. Embora tenhamos estruturas semelhantes, é o uso que fazemos da língua que nos difere enquanto comunidade linguística. Dizemos, então, que um texto ‘funciona’ quando atinge o receptor em todos os aspectos: de compreensibilidade, de aceitação (ou não estranhamento), de identificação etc.

4 Considerações sobre o livro *O pequeno Príncipe*

Comparando as traduções para o PB e o PE da obra *Le petit Prince*, do escritor francês Antoine de Saint-Exupéry – *O pequeno príncipe* (2003) e *O principezinho* (2001), respectivamente – podemos perceber que as diferenças existentes entre o PB e o PE são, no mínimo, suficientes para que passemos a considerar o alargamento de traduções dos textos escritos em uma dessas comunidades e publicados na outra. Nesses textos, encontramos uma vasta representação de marcadores culturais linguísticos próprios de cada comunidade, que até possuem equivalentes em cada cultura, mas são constituídos por vocábulos distintos; além de diferenças marcantes do próprio léxico e de construções sintáticas.

Levados pela noção de que um texto só cumpre sua função quando é entendido pela comunidade que o recebe, entendemos que, enquanto as obras em questão são bem aceitas em suas comunidades, as mesmas traduções não teriam a mesma receptividade em caso de mudança de contexto, ou seja, o receptor para quem a tradução *O pequeno príncipe* foi confeccionada provavelmente não alcançaria o mesmo nível de compreensão caso lhe fosse destinada a obra *O principezinho*; e vice-versa.

5 Análise dos marcadores culturais linguísticos em *O pequeno príncipe* e em *O príncipezinho*

Os traços da língua que nos permitem enxergar as discrepâncias entre o PE e o PB abarcam, para além das categorias lexicais e sintáticas, o âmbito da significação. Isso porque muitos vocábulos existentes no PB e no PE podem apresentar significados diferentes no uso que deles fazem as respectivas comunidades falantes. Embora encontremos vocábulos dicionarizados – o que leva à impressão de que há uma homogeneidade linguística entre os dois países –, devemos levar em conta que é no contexto cultural de uso da língua que seu sentido adquire as várias facetas observadas em Portugal e no Brasil.

Diante das divergências existentes nos usos do PB e do PE, e visto que a tradução pode ser o caminho pelo qual o texto deve se adequar para que seja entendido em seu contexto de recepção, apresentaremos alguns trechos das traduções de *Le petit prince* para o PB e PE em que os marcadores culturais linguísticos se mostram determinantes na construção prospectiva do texto em relação ao receptor. Nosso enfoque, portanto, não será a análise das escolhas tradutórias observadas mediante o cotejo com o texto-fonte – embora tal pesquisa se mostre bastante fecunda, e poderá ser feita posteriormente – mas destacar que as diferenças linguísticas, neste caso, podem ser significativas para o êxito da recepção do texto. Na tabela a seguir (Tab. 1), mostraremos os trechos correspondentes de *O pequeno príncipe* e de *O príncipezinho*, e as respectivas páginas das quais foram extraídos.

Tabela 1 - Marcadores culturais linguísticos

Pág.	<i>O pequeno príncipe</i>	Pág.	<i>O príncipezinho</i>
10	“As pessoas grandes aconselharam-me a deixar de lado os desenhos de jibóias [...]”	10	“As pessoas crescidas disseram que era preferível eu deixar-me de jibóias [...]”
10	“Desta forma, ao longo da vida, tive vários contatos com muita gente séria.”	10	“Com um trabalho deste género tive, evidentemente, uma data de contactos com uma data de gente importante.”
11	“[...] fazia a experiência do meu desenho número 1, que sempre conservei comigo.”	11	“[...] fazia-lhe a experiência do meu desenho número 1, que nunca deitei fora.”
12	“E vi aquele homenzinho extraordinário que me observava seriamente.”	11-12	“E vi um menino perfeitamente espantoso a medir-me de alto a baixo com um ar muito sério.”
12	“[...] a milhas e milhas de qualquer terra habitada.”	12	“[...] a mais de mil e uma milhas de qualquer sítio habitado.”
12	“Não tinha absolutamente a aparência de uma criança perdida	12	“Não tinha nada aspecto de ser uma criança abandonada no meio do

Pág.	<i>O pequeno príncipe</i>	Pág.	<i>O principezinho</i>
	no deserto [...].”		deserto [...].”
12	“—Por favor... desenha-me um carneiro...”	12	“—Se faz favor... desenha-me uma ovelha...”
12	“[...] tirei do bolso uma folha de papel e uma caneta.”	12	“[...] fui à algibeira buscar uma folha de papel e uma caneta.”
14	“E fiquei surpreso de ouvir o garoto replicar: [...].”	12	“E fiquei estupefacto com as palavras de protesto dele: [...].”
14	“Tudo é pequeno onde eu moro.”	14	“O meu sítio é muito pequenino...”
14	“Desenha outro.”	14	“Arranja-a.”
14	“Meu amigo sorriu paciente: [...].”	14	“O meu amigo sorriu delicadamente, cheio de indulgência: [...].”
15	“E foi assim que conheci, um dia, o pequeno príncipe.”	15	“E foi assim que travei conhecimento com o principezinho.”
16	“[...] deu uma bela risada, que me irritou profundamente.”	15-16	“[...] soltou uma linda gargalhada que me irritou imenso.”
16	“[...] e perguntei repentinamente: [...].”	16	“[...] perguntei-lhe de chofre: [...].”
16	“[...] aquela simples menção sobre ‘os outros planetas’.”	16	“[...] aquela inconfidência sobre ‘os outros planetas’.”
20	“Vi uma casa de seiscentos mil reais.”	20	“Hoje vi uma casa de cem mil contos.”
20	“[...] os números não têm tanta importância.”	20	“[...] estamos-nos nas tintas para os números!”
21	“Hesito também quanto à cor do meu traje.”	21	“Também não consigo me lembrar da cor do fato dele.”
21	“Provavelmente esquecerei detalhes dos mais importantes.”	21	“E vou enganar-me de certeza nalguns pormenores decisivos.”
21	“[...] o drama dos baobás.”	21	“[...] da tragédia dos embondeiros.”
24	“Ele havia deixado que ali crescessem três arbustos...”	24	“Não estive para se ralar com três arbustos...”
24	“A mensagem que eu transmitia era de grande importância.”	24	“A lição era de monta.”
29	“O príncipe agora estava pálido de cólera.”	29	“O principezinho irritara-se a ponto de ficar lívido.”
30	“Minha flor está lá, em algum lugar...”	30	“Ali está ela, algures lá no alto...”
30	“[...] ornadas de uma só fileira de pétalas, [...].”	30	“[...] [...] guarnecidas com uma única fiada de pétalas.”
31	“—Creio que é hora do café-da-manhã [...].”	31	“—Creio que está na hora do pequeno-almoço [...].”
34	“—Eu fui uma tola [...].”	34	“—Fui muito parva [...].”
37	“Ele gaguejava um pouco e parecia envergonhado.”	37	“Tartamudeava. Parecia vexado.”

Pág.	<i>O pequeno príncipe</i>	Pág.	<i>O principezinho</i>
44	“[...] com ar triste.”	44	“[...] com ar lúgubre.”
47	“Essas coisinhas douradas que fazem sonhar os preguiçosos.”	47	“Coisitas douradas que dão volta à cabeça dos párias e dos vagabundos.”
48	“[...] respondeu, exaltado, o empresário.”	48	“[...] ripostou, agastado, o homem de negócios.”
52	“—Eu sempre quero descansar [...].”	52	“—Está-me sempre a apetecer a descansar [...].”
55	“[...] é essencial que ele traga grandes pedras.”	55	“[...] exige-se-lhe que traga de lá uns calhaus enormes.”
74	“Despacho os trens que os carregam [...].”	74	“Faço a expedição dos comboios que os transportam [...].”
74	“E o apito de um terceiro trem, iluminado, soou.”	75	“E rugiu o trovão de outro rápido iluminado.”
82	“Rabisquei, então, uma pequena mordaza.”	82	“E eu lá me pus a garatujar um açaino.”

Fonte: Extratos dos livros *O pequeno príncipe* e *O principezinho*.

Os trechos correspondentes das traduções para o Brasil e para Portugal encerram em si os elementos necessários para afirmarmos que a construção do texto traduzido foi adequada para cada público leitor. Muito além de diferenças lexicais, que podemos notar claramente nos textos, as discrepâncias entre as duas línguas atingem a construção frasal, a escolha verbal, a colocação dos pronomes. O código linguístico utilizado está sempre ancorado culturalmente. Tudo isso mostra, como diz Labov (*apud* ORLANDI, 1987, p. 102), nossas

[...] **atitudes**, ou seja, avaliações em relação à língua. E, embora uma língua apresente muitos subsistemas, vem acompanhada de uma rede de **avaliações homogêneas**. Dentro de uma mesma sociedade, as atitudes são homogêneas. [...] As avaliações estão em estreita dependência das circunstâncias sociais da comunidade em questão. Fazem parte da identidade do grupo e, conseqüentemente, de sua adaptação a suas normas (grifos do autor).

Possuímos atitudes diferentes em relação à língua porque estamos inseridos em uma cultura diferente, com influências da fauna, da flora, de imigrantes, da geografia, do clima próprios de cada país. A língua que falamos mostra nosso modo de ver o mundo, e este é traçado pela ideologia, pelos valores e pela cultura da comunidade em que nos inserimos. De acordo com Azenha Jr. (1994, p. 22), “[...] a linguagem deve ser vista como um elemento integrante de uma cultura, como uma de suas manifestações mais poderosas [...]”. O leitor do texto em PB certamente não se identificaria com o texto em PE, e vice-versa, visto que as construções divergentes observadas nos dois textos são típicas de cada comunidade específica. Não iremos nos ater à análise de cada uma das ocorrências, pois elas falam por si. **Letrônica**, Porto Alegre v.4, n.1, p.77, jul./2011.

É escusado dizer que o público brasileiro estranharia, por exemplo, a expressão “de monta”, já que mesmo nas modalidades mais monitoradas da língua provavelmente veríamos equivalentes como “de muita importância”. E se uma ocorrência da língua não é usada por determinada comunidade, pode-se dizer que ela não faz parte daquela cultura linguística.

Língua e cultura são dois fenômenos que se entrelaçam, interferem um no outro. E é indiscutível que os povos portugueses e brasileiros apresentam culturas diversas, atreladas a um passado que, mesmo considerando a duradoura relação entre colônia e metrópole, tomou caminhos diversos, acolheu e internalizou influências externas de maneiras diferentes. Com isso, a língua falada por esses dois povos acompanha as inevitáveis mudanças ocorridas na ideologia, molda-se para dar voz aos sentimentos despertados pela realidade em que seus falantes vivem. O povo brasileiro vive uma realidade que é brasileira, assim como os portugueses convivem no contexto cultural português. É bem pouco provável que dois povos com culturas, ideologias, convicções e atitudes diferentes possam usar exatamente o mesmo código linguístico para se comunicar. Se a língua acompanha o modo de seus falantes interpretarem o mundo em que vivem, e se vivemos em mundos diferentes, o papel do tradutor como mediador entre línguas/culturas torna-se fundamental para o funcionamento do ato comunicativo entre texto e leitor.

Considerações finais

A tradução é um ofício que envolve, além do conhecimento do conjunto de sistemas das línguas (língua-fonte e língua-alvo), também o aparato que dá forma aos seus traços fundamentais enquanto instrumentos de interpretação da realidade. Esses elementos envolvem a ideologia, as prioridades, os conceitos utilizados no julgamento da realidade feito pelas comunidades falantes de tais e tais línguas. O tradutor deve trabalhar como mediador não somente linguístico, mas também cultural entre dois códigos. A língua, por isso, deixa de ser um objeto estanque, com um fim em si mesma, e passa a ser uma soma que envolve seus falantes bem como o modo como eles utilizam a linguagem para expressar suas concepções de mundo. É necessário, pois, que o tradutor atente para o fator cultural indissociável da língua. É o valor social intrínseco na língua que exige do tradutor o conhecimento pragmático das línguas com as quais trabalha para que, ao traduzir, opte por vocábulos e construções mais aproximadas da realidade linguística do seu público alvo. Um tradutor brasileiro que verte um texto escrito no PE possui internalizadas as formas e os usos que fazemos do PB, podendo, por isso, aproximar culturalmente o texto da língua-fonte para o público da língua-alvo.

As diferenças entre PB e PE abrangem, além do léxico (diferenças muitas vezes difundidas na mídia), aspectos sintáticos, fonológicos, morfológicos e pragmáticos. Embora as gramáticas brasileiras sejam essencialmente portuguesas quanto ao conteúdo, o uso real que o brasileiro faz da língua – tanto nas modalidades oral quanto na escrita – distancia-se muito dos modelos estagnados das gramáticas – os quais podem parecer muitas vezes obsoletos, antiquados, inconvenientes. Enquanto isso, os portugueses seguem falando de um modo que muitas vezes nos deixa confusos ou insensíveis aos significados pretendidos pelo interlocutor.

Podemos entender o passado e a evolução dessas diferenças quando traçamos a história da língua portuguesa desde seu surgimento até sua expansão ultramarina. O contato com novos cenários e povos, com conceitos novos ainda sem nomes na língua dos colonizadores, acrescentou à língua portuguesa novos sabores, novos odores, e assim ela moldou-se de acordo com a realidade tropical vivida por seus falantes recém-conquistados. Da influência dos novos imigrantes que o Brasil abraçou, a língua absorveu novas estruturas, novos fonemas, novos vocábulos. E o PB evoluiu à sua maneira, ‘brasilicamente’, enquanto o PE continuava sua evolução distinta em terras lusitanas. Talvez pelo fato de o Brasil ter sido colônia por quase 300 anos, e de ainda possuímos um traço tênue de submissão linguística, continua-se a apregoar essa unidade linguística dos países lusófonos – com um viés muito mais político do que propriamente linguístico. Com isso, encobre-se o que as línguas têm de mais precioso e rico, o que as destaca dentre suas similaridades: as diferenças.

Ao traduzir não tentamos subjugar as línguas, nem equipará-las, nem denegri-las. Ao trazermos os escritos em PE para as estruturas do PB, não tiramos a doçura da língua portuguesa europeia nem afetamos o respeito pela comunidade lusitana. Muito pelo contrário. Ao traduzirmos as palavras entre uma língua e outra, promovemos o entendimento facilitado pela proximidade linguística de cada comunidade. Trazemos os sentimentos, os ideais e – acima de tudo – a carga semântica das mensagens para perto do que sente a comunidade que vai recebê-las.

Traduzir para uma determinada cultura lusófona considerando todas as implicações linguístico-culturais envolvidas no processo é, antes de tudo, um ato de respeito. É considerar o passado de cada comunidade, junto com a concepção já aceita de que as línguas não se corrompem, nem retrocedem: elas simplesmente mudam. Aceitá-las como diferentes e adotar uma postura de respeito para com o público leitor aproximaria as comunidades, segundo as intenções socioeconômicas que o próprio Acordo Ortográfico propõe. Devemos considerar de

modo favorável aquilo que nos singulariza, que nos faz brasileiros e portugueses. E temos a língua como principal instrumento de manifestação da identidade cultural. Não há porque torná-la engessada em moldes que nos são estranhos. E nada melhor que a tradução para figurar como intermediária nessa arbitragem entre línguas e culturas portuguesas.

Referências

- AZENHA JR., João. *Aspectos culturais na produção e tradução de textos técnicos de instrução alemão-português: Teoria e prática*. 1994. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1994.
- BACCEGA, Maria Aparecida. *Palavra e discurso: história e literatura*. São Paulo: Ática, 2003.
- BAGNO, Marcos. *Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Parábola, 2001.
- _____. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística de gramática*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.
- FARACO, Carlos Alberto. *Lingüística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005.
- LEAL, Alice. *Funcionalismo alemão e tradução literária: quatro projetos para a tradução de The Years, de Virginia Woolf*. 2007. 135 fls. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007. Disponível em: <http://www.pget.ufsc.br/curso/teses_e_dissertacoes.php>. Acesso em: 22 mar. 2009.
- NIDA, Eugene A.; TABER, Charles R. *The theory and practice of translation*. 2. ed. Netherlands: E. J. Brill, 1982.
- NORD, Christiane. *Text analysis in translation: theory, methodology, and didactic application of a model for translation-oriented text analysis*. Amsterdã: Rodopi, 1991.
- _____. *Translating as a purposeful activity: functionalist approaches explained*. Manchester: St. Jerome Publishing, 1997.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2. ed. Campinas: Pontes, 1987.
- RODRIGUES, Cristina Carneiro. *Tradução e diferença*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- Letrônica**, Porto Alegre v.4, n.1, p.80, jul./2011.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *Le petit prince*. Paris: Gallimard, 1946.

_____. *O pequeno príncipe*. Trad. Dom Marcos Barbosa. 48. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2003.

_____. *O principezinho*. Trad. Joana Morais Varela. 29. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2008.

ZIPSER, Meta Elisabeth. *Do fato à reportagem: as diferenças de enfoque e a tradução como representação cultural*. 2002. 274 fls. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Alemãs) – Universidade de São Paulo, 2002. Disponível em:

<<http://pget.ufsc.br/publicacoes/professores.php?autor=10>>. Acesso em: 8 out. 2008.

Recebido em: 28/10/2010

Aceito em: 22/06/2011

Contato: biancabuse@yahoo.com; michelleaio@yahoo.com.br